

Plataformas e Mensagens

Raul Pillu

A VARIOS jornalistas, que desejavam conhecer a minha opinião a respeito da mensagem presidencial, declarei redondamente que não a tinha lido. Seria possível isto, sendo eu pessoa de responsabilidades definidas na vida pública? Era não só possível, mas ainda verdadeiro. Não a tinha lido, e ainda a não li.

Há, com efeito, na vida pública dêste país e dêste regime, duas espécies de documentos pouco dignos de fé: as plataformas e as mensagens presidenciais.

São os primeiros documentos que, referindo-se a um futuro próximo, mas largo, de quatro anos, antigamente, e de cinco atualmente, dão aso a tôdas as promessas. Tais promessas raramente se cumprem, quando não são frontalmente desmentidas. Esquecem-se, porque já exerceram a sua função: angariar votos.

As mensagens anuais, dirigidas ao Congresso Nacional por ocasião da abertura da sessão legislativa, deveriam ser documentos sóbrios, positivos, vezaes, como tôda prestação de contas. Nenhuma linha, nenhuma palavra, nenhum número deveria poder-se pôr em dúvida. Entretanto, graças à mistificação que, aos poucos, foi impregnando tôda a nossa vida pública, passaram ultimamente as mensagens presidenciais a incluir-se no gênero da literatura de ficção, sendo embora muito menos atraentes do que ela. Leem-nas, por isto, os críticos da política, que êsse é o seu dever de officio. Havendo entre nós alguns bons e autorizados críticos, que têm a mais o ardor da mocidade, explica-se que eu ainda não tenha lido a mensagem. Espero a crítica, descanso nela.

Isto é, aliás, o que faço com qualquer obra literária. Dispondo de pouco tempo, não me atiro, sequioso, às novidades. Aguardo, primeiro, uma indicação da crítica.